

Mulher, semblante e corpo: entre o empuxo à mulher na psicose e o sintoma da coqueteria histórica

Elisabeth da Rocha Miranda

Lacan, em *O seminário, livro 20: mais, ainda...* mais precisamente na lição de 20 de março de 1973, apresenta a figura de um triângulo¹ cujos vértices levam as letras RSI, estabelecendo uma equivalência entre as três dimensões: real, simbólico e imaginário. Nele, situa o conceito de semblante sobre a via que vai do simbólico ao real. A oposição entre semblante e real é a essência mesma da psicanálise na medida em que o real faz vacilar os semblantes civilizatórios, produzindo um retorno ao real do sexo.

1. Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73/1985, p. 121).

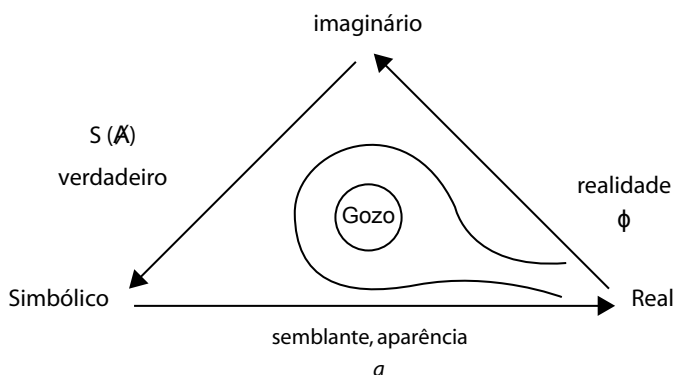


Fig. 1. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (p. 121)

No seminário anterior intitulado *O seminário, livro 19: ... ou pire*, Lacan já havia postulado o semblante como sendo a possibilidade de lidar com o real do sexo, com o que escapa à linguagem; logo, o semblante resulta do esforço do simbólico para apreender o real. Partindo em busca do real, o simbólico encontra o semblante, encontra o ser e fracassa justo por não reconhecer esse fracasso. O caso a que chamei Regina ilustra tal fracasso: o sujeito, em busca de se fazer existir como A mulher que não existe no impossível da relação sexual, encontra no homem o abismo próprio da falta-ser.

2. “O corpo histórico é o palco onde se encena a vida sexual do sujeito” – expressão utilizada por Antonio Quinet e que considero precisa para o caso aqui apresentado.

O semblante que sustenta esse sujeito na partilha dos sexos e que denominei “a coqueteria histórica” é a atuação no “palco do corpo”² da vida sexual e do sintoma de tal sujeito. O sintoma é o que amarra os três registros RSI borromeamente, conforme proposto por Lacan em 1975-1976 em *O Seminário livro 23: o sintoma*. Situado no nó borromeo entre os registros do real e do simbólico como todo sintoma, o sintoma histórico revela também a dificuldade do sujeito de se situar na partilha dos sexos, instituindo a conhecida pergunta histórica: sou homem ou sou mulher? Regina responde a essa questão edípica e sintomática com o semblante da coqueteria histórica, com o qual ela busca o olhar do homem, e com o qual consegue fazer o outro desejar, tamponando simbolicamente o real pulsional de seu sintoma vivido na relação com o pai, e segundo sua própria interpretação, pelo não reconhecimento de seu lugar de filha e mulher, e pelo abandono em prol de outra mulher e de outra filha.

A posição sexuada é sempre um semblante, um fazer-se parecer homem ou mulher. Semblante construído pela cadeia significante de cada sujeito e que lhe permite apreender o real pela via do simbólico. Logo, o semblante é esforço para percorrer o caminho que vai do simbólico ao real e que escamoteia o núcleo real do sintoma. No caso, podemos dizer que o semblante é a política do sintoma desse sujeito, que ao ruir provoca efeitos devastadores, mais uma vez no corpo, permitindo estabelecer a diferença entre os efeitos de despedaçamento do corpo na esquizofrenia e o corpo sintomático da histeria.

Regina, aos 65 anos, chega ao consultório em cadeira de rodas com o diagnóstico médico de reumatismo infeccioso que atingiu seus pés, deixando-os contorcidos e inutilizados, e já afetando as mãos, que começam a perder a força. Nos últimos anos, se submeteu a 11 cirurgias para correção ortopédica, série acrescida por algumas plásticas estéticas. A demanda de uma nova cirurgia estética de rosto é o que motiva o encaminhamento feito pelo último cirurgião consultado, que condiciona a intervenção a um tratamento psicanalítico. Enquanto seus pés e mãos entortavam, ela esticava rosto, seios, costas, cintura, coxas etc. O recurso às cirurgias mantém Regina solitária em seu gozo, fora do laço social, acirrando a eterna insatisfação dirigida agora aos médicos que a tratam com descaso porque está velha. Em suas palavras: “se fosse jovem, eles fariam o que eu pedisse, era bonita e sensual. Agora exigem análise como se eu fosse louca. Estou aqui para mostrar que eles são os incompetentes e não eu”.

Esse sujeito retalha e contorce o próprio corpo, denunciando o que não pôde dizer com palavras, encenando o que o afeta, e assim alivia a angústia que este mesmo afeto causa. Lacan diz que a linguagem é “um corpo sutil, mas é um corpo”,³ pois “as palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histórica”.⁴ Regina está grávida de perdas não simbolizadas que retor-

3. Lacan, *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise* (1953a/1998, p. 302).

4. *Ibid.*

nam na substância excitável, ou seja, no corpo, que na neurose histérica é o cenário do sintoma do sujeito. A imagem de um corpo jovem e sedutor, assim dito pelos homens, e o lugar de filha preterida pelo pai são perdas inconciliáveis com a fixação pulsional que rege a vida desse sujeito. Regina, edipicamente seduzida pelo pai, sofre do “abandono pelo pai”, maneira pela qual podemos nomear seu sintoma.

Passado o primeiro momento de análise, Regina não fala mais de sua doença e de cirurgias e inicia uma série de queixas dirigidas ao seu homem, que a trocou pela enteada, sua própria filha. Tal fato lhe é revelado por um sonho no qual ela vê o ex-amante presentear sua filha com um perfume que sempre foi o seu preferido. Seus sonhos não falham: sempre lhe revelam a verdade – e a interpretação que ela dá a este em particular adquire o peso de uma certeza inabalável, é verdadeiramente uma revelação. Afirma que no fundo já sabia do que se passava, porque “depois do sonho revelador, as cenas em que os dois – a filha e o ex-amante – estavam juntos surgem diante dos seus olhos insistentemente, para que não se esqueça do que se passou entre eles”. Por exemplo, diz ela: “ontem eu os vi na cozinha aos beijos, mas eles pensam que me enganam”. O amante não frequenta sua casa há oito anos, mas ela explica que “vê no presente as cenas acontecidas no passado, porque no momento em que tais cenas ocorreram, ela não as podia ver, pois ainda não tinha acontecido o sonho revelador”.

A entrada em análise se dá após outro sonho em que o cirurgião plástico lhe diz: “chega de cirurgias, você está ótima, é uma rainha, as rainhas serão sempre rainhas, você precisa arranjar um namorado”. Em associação, diz: “a primeira coisa que pensei ao acordar é que você devia ter um namorado, porque você tem nome de rainha”. Em meio a rainhas, Regina afirma que seu reino desmoronou quando, em suas palavras, “o amante tarado foi embora, deixando-a doente”.

Regina é assistente social e professora em uma universidade muito importante em âmbito nacional, título do qual se orgulha. Outro motivo de orgulho é o fato de ter cuidado de toda a família, especialmente da mãe, desde que o pai se foi com outra mulher muito mais jovem, com quem teve mais três filhas, e a quem ela também sempre ajudou por serem muito pobres e incapazes.

Aos dezoito anos se casa com o pai de sua filha, que faleceu quando a menina tinha seis meses. No mesmo ano conhece um médico, casado e 28 anos mais velho que ela, de quem se torna amante por 35 anos: “ele ajudou a criar minha filha, que o chama de painho”.

Seguem-se injúrias e toda sorte de pragas contra o amante, “um safado que aos 81 anos deixa de ir à sua casa e resolve que só quer vê-la na presença da filha-enteada e das netas, negando-se a qualquer intimidade”. Revela que o relacionamento entre eles sempre foi muito sexuado: “fui para ele um objeto precioso, linda, ele adorava

meu corpo, ficava olhando meus seios por longos períodos. Quando estávamos a sós ele me pedia para andar nua pela casa. Eu acordava com ele me admirando – e quando fiquei torta, fui abandonada”.

Regina ficou torta quando foi para o interior de outro estado cuidar do pai que tivera um AVC. Mas, ao chegar lá, se viu impedida pelas irmãs, fruto do segundo casamento do pai, que já haviam tomado todas as providências; eram, nessa situação, as responsáveis por ele e impediam o acesso de Regina ao corpo do pai doente. Ela podia visitá-lo, mas ficou sem poder agir, cuidar, dar banho, comida, assumir o tratamento; enfim, diz: “fiquei de pés e mãos atados. De tanta revolta, decepção e tristeza, adoeci, tive muita febre e fui obrigada a voltar para o Rio”. Meses depois o pai falece e ela, com fortes dores nos pés e nas mãos, tem o diagnóstico de reumatismo infeccioso progressivo.

Na histeria, o modo de tornar inócua a representação (*Vorstellung*) inconciliável é transpor para o corporal a soma de excitação, processo para o qual Freud propõe o nome de conversão.⁵ Regina tinha quinze anos quando o pai abandonou a mãe para casar-se com uma jovem de vinte e três anos. Recordar-se de que na ocasião lhe rogou a seguinte praga: “um dia, ele vai ficar doente e vai precisar de mim e aí eu me vingó”. Impedida de realizar tal “vingança”, fica de “pés e mãos atados”, significante que se repete por deslizamento ao suposto relacionamento entre sua filha e o padrasto, diante do qual ela não pode fazer nada porque a família a ameaça de internação, acusando-a de estar louca, tendo visões.

Há, nessa fantasia, uma clara analogia entre o abandono do pai e o abandono do amante. Uma recordação da infância dá sentido ao real do gozo que amarra suas mãos e pés: “Aos seis anos se coloca debaixo da cama dos pais pela manhã enquanto eles tomavam banho, supostamente para dar-lhes um susto. Os pais voltam para a cama e ela, ao perceber que seu pai pede à mãe que toque seu pênis, fica imobilizada, sem conseguir respirar. Toma coragem e sai do quarto correndo, se tranca em outro cômodo, sente muita dor nas mãos e as vê ficaram negras de sangue pisado e com as veias muito dilatadas”.

O sintoma de conversão é a irrupção, o retorno no corpo do gozo parasitário que não foi tomado pelo gozo do sentido. Um sintoma de conversão se decifra como um sonho, e um sonho se decifra como uma escritura antiga. Regina decifra sua escritura: “eu amava meu pai, nunca lhe perdoei o abandono, sofri mais que minha mãe”. A conversão da qual se trata é situada na histeria em outra língua, na qual o dito falta e o gozo lhe é subtraído. A erotização das mãos na cena em que, embaixo da cama, escuta a intimidade sexual dos pais retorna quando ela não pode cuidar do pai, agora doente. “No sintoma – e é isso que quer dizer conversão –, o desejo é idêntico à manifestação somática. Ela [a manifestação somática] é seu lado direito, assim como ele [o desejo] é seu avesso”.⁶ Regina, em pou-

5. Freud, *Las neuropsicosis de defensa* (1894/2001, p. 50).

6. Lacan, *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58/1999, p. 348).

quíssimo tempo, livra-se das dores, suas mãos recobram as forças e vários movimentos, a fisioterapeuta se anima com a melhora dos pés.

Em uma segunda fase da análise, após o deciframento do sintoma conversivo que põe fim ao “corpo torto”, surge um desconforto que se revela em uma exacerbação em seu modo de vestir-se, levando-a a não poder sair de casa por não saber mais como “vestir um corpo de mulher”. Das cirurgias às roupas e adereços o sujeito tenta se situar na partilha dos sexos. Inicia-se uma fase em que as minissaias, decotes, roupas vermelhas e extravagantes, com broches adolescentes, cabelos loiríssimos em um rosto moreno, penteados com chapinha tentam compor um corpo que ela perdeu em sua vida erótica. A angústia, antes aplacada pelo sintoma de conversão, retorna pela impossibilidade de recompor a mascarada histórica. O semblante fálico vacila: ela não tem mais poder perante a família, está aposentada e perdeu o lugar de mulher junto ao amante. O semblante que a mascarada histórica sustentava – e que para esse sujeito mantinha tanto o amante desejante quanto fazia existir a mulher por meio de um corpo jovem e sedutor – cai, dando lugar ao nada.

O caminho percorrido por meio do desfile de significantes e que vai do simbólico ao real mostra, segundo Lacan, “a verdadeira natureza do objeto *a*. Se o objeto *a* [...] [é] aparência de ser, é porque ele parece nos dar o suporte do ser”.⁷ A verdadeira natureza do objeto *a* está em relação com o ser. Deslocar o objeto *a* do real para o ser é ressaltar suas afinidades com o semblante. No fundo, o objeto *a* é a sombra que se faz passar pelo ser, e é o que chamamos o próprio ser. Regina, destituída como mulher, de um homem – na medida em que tal homem não pode mais fazer semblante de homem para ela – chega ao vazio de ser e não consegue percorrer o caminho do real ao imaginário como vemos no triângulo, já citado acima,⁸ para encontrar a realidade como efeito de real. A pouca realidade sustentada pelo falo resta enraizada na fantasia que nesse sujeito pode ser dita: um corpo jovem, sedutor e belo faz existir a mulher pelo olhar do outro.

Em uma terceira fase da análise, o corpo aparece despedaçado. Seus cabelos caem, obrigando-a a usar um turbante; suas pernas apresentam eritemas em forma de nós, o ventre incha de forma descomunal de uma sessão para outra e, por fim, aparece uma irritação nas cicatrizes cirúrgicas que as deixa avermelhadas e sobre a qual os médicos não sabem o que dizer. Acrescente-se a esses fenômenos um discurso que gira em torno de um corpo que a cada semana tem em suas palavras um órgão “em crise”, fenômeno semelhante aos de um sujeito esquizofrênico.

Regina havia construído um corpo, tamponando a falta-ser com o semblante da coqueteria histórica. Quando cai do lugar de objeto olhado pelo Outro encarnado na figura do homem, perde o corpo – que aparece fragmentado, apresentando fenômenos aparentados aos

7. Lacan, *O Seminário*, livro 20: *mais, ainda...* (1972-73/1985 p., 128).

8. *Ibid.*, p. 121.

de uma psicose. Mas, como ensina Freud no texto “*O inconsciente*”, a diferença está em que o sujeito histérico, ao falar a língua dos órgãos, estes são afetados, enquanto que o sujeito esquizofrênico não apresenta nenhum distúrbio funcional no órgão e sim na linguagem.

A noção de semblante nos convida a reordenar certos fenômenos clínicos que permanecem isolados e a explorar o que há de comum entre imaginário e semelhante e o que os separa. Para o sujeito neurótico, a relação ao semelhante amarra o semblante e a sensação de ter um corpo: o semblante está amarrado ao funcionamento da fantasia e por isso permite ao sujeito se reencontrar e poder ter um corpo. Para o esquizofrênico, o significante opera no real e o sujeito não tem um corpo para responder. A feminização psicótica, com o empuxo-à-mulher, distingue-se da posição feminina e da coqueteria histérica na medida em que na neurose o feminino se inscreve no *não-todo* fálico.

Em Regina, as agressões ao corpo cessam, a relação com a filha e netas se recompõe e ela faz outra conversão, desta vez financeira: cobra do ex-amante uma gorda indenização pelos 35 anos em que passou quieta sendo a outra. O ex-amante acaba cedendo e lhe dá uma soma em dinheiro que, aliada ao que ela já havia amealhado, a torna em suas palavras, “uma mulher rica e poderosa”. Com o dinheiro Regina retorna ao lugar de ser o objeto precioso olhado pelo Outro: ela monta uma casa de *show* em uma cidade pequena. Despede-se da análise com um “agora sim, sou rainha; velha, mas rainha”, cumprindo o vaticínio do significante que aparece no sonho transferencial. Dessa maneira recompõe para si uma realidade sempre ficcional, posto que é efeito do real. Recompõe ainda um semblante e constrói um novo sintoma, com o qual pode sustentar sua posição subjetiva.

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1893). Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos. *In: Obras completas*, vol. III. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- FREUD, S. (1893-95). Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud). *In: Obras completas*, vol. II. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- FREUD, S. (1894). Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias). *In: Obras completas*, vol. III. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- FREUD, S. (1909 [1908]). Apreciaciones generales sobre el ataque histérico. *In: Obras completas*, vol. IX. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- FREUD, S. (1915). El inconsciente. *In: Obras completas*, vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.

- LACAN, J. (1953a). Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.
- LACAN, J. (1953b). Discurso de Roma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- LACAN, J. *O seminário, livro 14: A lógica da fantasia* (1966-1967). Inédito.
- LACAN, J. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda...* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. (1974). A terceira In: *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial editores, 1988.
- LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Resumo

Lacan situa o conceito de semblante sobre a via que vai do simbólico ao real, porta de entrada para sua última elaboração teórica consagrada à clínica dos nós. Partindo em busca do real, o simbólico encontra o semblante, encontra o ser e fracassa justo por não reconhecer esse fracasso. O caso, ao qual chamei Regina, ilustra tal fracasso: o sujeito em busca de se fazer existir como mulher na relação sexual que não existe, encontra no parceiro o abismo próprio de sua falta-ser. Regina, apesar da profusão de fenômenos que retalham seu corpo, é um sujeito neurótico. O caso permite observar a distinção entre a feminização psicótica com o empuxo-à-mulher e a posição feminina que, para esse sujeito, apresenta-se como a coqueteria histérica, na medida em que na neurose o feminino se inscreve no *não-todo* fálico.

Palavras-chave

Semblante, corpo-mulher, histeria, sintoma.

Abstract

Lacan situates the concept of semblance on the line that goes from the symbolic to the real, gateway to his last theoretical elaboration devoted to the clinic of knots. Departing in pursuit of the real, the symbolic finds the semblance, finds the being and fails for not recognizing that failure. The case which I called “Regina” illustrates this failure: the subject in the quest for making oneself exist as a woman in a sexual relationship that does not exist, finds in her partner the abyss of his own lack-of-being. Despite the profusion of phenomena that chop her body, Regina is a neurotic subject. The case allows us to observe the distinction between the psychotic feminization with the “push towards woman” and the feminine position, which for this subject, presents itself as the hysterical coquetry to the extent that in neurosis the feminine falls into the not-all phallic to the extent that in neurosis the feminine falls into the not-all phallic.

Keywords

Semblance, body-female, hysteria, symptom.

Recebido

09/02/2011

Aprovado

10/03/2011